

PRÓLOGO

(O Agarrado à Coca)

Agora que volto a pensar no assunto, acho que foi aquele quinto copo de absinto que custou 1,2 milhões de libras ao meu banco. Meia dúzia de cervejas *Old Thumper* ao fim da tarde de domingo no Masons, não se sabe como, veio a dar num festival de copos dos antigos em que um corretor de vinte e nove anos, se tivesse juízo, nunca se deveria ter metido. Ainda estávamos no *pub* quando um cómico qualquer telefonou ao Traficante e passado pouco chegava por *scooter* um fornecimento de meia dúzia de gramas da melhor mercadoria da Bolívia. Quando foi a minha vez de ir a cambalear para a casa de banho e enfiar a nota de vinte libras enrolada nas narinas sôfregas, dei graças a Deus por o dia seguinte ser feriado. Em breve, os meus três estimados parceiros estavam a soltar patacoadas às dúzias, que é mais barato, enquanto eu me dissolvia na poltrona do *pub*, do mais fino couro, entregue ao satisfeito e familiar autopiloto do esquecimento.

Ainda hoje estou para saber como fomos parar à casa do Sam. Só sei que as coisas já estavam a ficar gravemente fora de controlo, mesmo antes de esse líquido verde de gosto horrroso ter feito a sua aparição. O Sam estava a portar-se à altura da sua reputação de melhor anfitrião do mundo e arredores e os meus três parceiros desempregados e vencidos dedicavam-se ao que melhor sabiam fazer: a intemperança hedonista. Por volta das 5 da manhã, o Traficante já nos honrara mais duas vezes com a sua presença e a coerência dos discursos era esporádica, na melhor das hipóteses. Sentados à mesa da sala de jantar da avó do Sam, coberta com os habituais detritos de uma farra das antigas, todos nós já tínhamos dado mostras das variações de humor

que uma sessão pesada de branca sempre propicia. Estava eu numa fase depressiva, tenso e nervoso, quando decidi fazer-me lembrado aos meus companheiros. Achei que ia começar por algo trivial e depois se via:

— Malta, só posso dizer que, graças ao caraças, hoje é feriado!

Não sei por que motivo retorcido de um gajo ficar paranóico, os meus parceiros, todos à uma, calaram as suas tumultuosas conversas, voltaram-se para mim e, em uníssonos, desataram a rir-se na minha cara como bruxas maníacas. O Jim, «artista» e traficante, foi quem primeiro conseguiu controlar o seu insano cacarejo e gritou: — Oh, seu idiota do caralho! Isso é na semana que vem!

— Não me fudas, meu espantalho — repliquei, com falsa displicência, perfeitamente ciente de que os presentes tinham topado tudo. O meu esgar e os meus olhos nervosos não ficariam nada mal num adolescente culpado a falar com os pais de cigarro escondido atrás das costas.

— Não, parceiro, hoje é dia dezoito e a segunda-feira feriado é a vinte e cinco — disse Nick, o terceiro membro dos «Vencidos Anónimos». Como raio o gajo sabia tanto desta merda se não fizera um só dia de trabalho honesto desde 1992, era coisa que me ultrapassava. Mas havia algo no seu tom confiante que não podia ser explicado apenas por ter o nariz tão atafalhado de gulosa que o exército colombiano teria trabalho para duas semanas.

— Foda-se, tenho de estar no emprego daqui a uma hora. O Génio está de férias e eu estou com cara de agarrado. — Não me lembro se disse isso ou se só pensei. Sei é que, em poucos segundos, ou assim me pareceu, estava a correr pela rua rumo à minha casa, quilómetro e meio mais abaixo, sentindo-me como se o Mike Tyson estivesse há quatro horas a fazer-me uma massagem cardíaca. Vi-me e desejei-me para enfiar a chave na porta, galguei as escadas a correr e saltei para o chuveiro. Com o cabelo ainda a rebrilhar de molhado, enfiei a camisa *Thomas Pink* e saí de casa a torcer-me todo para vestir o casaco *Gieves & Hawkes*.

Durante a viagem na Linha Central do metro, que parecia nunca mais acabar, dava uma olhadela de vez em quando para o reflexo do meu rosto na janela escura da composição e, mesmo através dessa imagem imperfeita, poderia dizer que parecia um cagalhão aquecido. Enquanto lia o *Financial Times*, estremecendo de nervoso, sem conseguir assimilar uma só palavra, comecei a pensar se não teria sido

melhor meter baixa. Este belo pensamento só entrou no meu pobre cérebro de agarrado por alturas de Oxford Circus, mas aí já estava a meio caminho do trabalho. Só uma estranha, e provavelmente equivocada, lealdade com os meus companheiros de equipa me impediu de saltar do metro e trocar de plataforma. Apesar da película de suor frio na testa, pensei que talvez conseguisse sair-me airosamente depois de tomar uns cafés, desde que, no meu sector, não se passasse um caralho. Entrei no edifício, passei a voar pelas barreiras de segurança e subi no elevador para o quarto andar. Atravessei o *open-space* do escritório até à minha secretária, onde cheguei às 6h55m em ponto e não me fui abaixo, apesar de ser saudado por um «Fim-de-semana porreiro, não?» sem piada nenhuma dito por um merdas dum colega ridículo que topara nitidamente que eu estava um destroço incapaz de falar. Tinha cinco minutos para verificar os títulos da Reuters da minha área, mas, na realidade, gastei-os a pedir ao grande homem lá em cima de tudo QUE NÃO SE PASSASSE NADA NA PORRA DO MEU SECTOR.

Quando, às sete em ponto, vi os títulos vermelhos a desfilarem num dos meus dois ecrãs, informando-me de que uma central da ScottishPower explodira no Utah, senti a vida a esvaír-se de mim. Dentro em pouco, um suor cheio de toxinas espalhava manchas de humidade na minha camisa, debaixo dos braços e no peito, e eu não conseguia respirar como deve ser. Deus todo-poderoso, de tudo o que podia acontecer, nada podia ser pior, foda-se. O meu colega, o Génio, estava de férias e eu ficara encarregado de, na sua ausência, seguir as empresas que ele analisava. A ScottishPower era uma das suas principais recomendações de compra no sector que nós cobríamos e era nítido que alguma merda grave acontecera num Estado governado por esses mórmones do baralho a milhares de milhas do meu pobre cérebro em desordem.

Mal passara um minuto e já o meu telefone estava a tocar. Antes de sequer olhar para o visor das chamadas sabia que era certamente o malandrão do meu *trader* Gary a perguntar-me como deveria posicionar-se para a abertura do mercado às 8 da manhã. Como um coelho encandeado, fiquei a olhar durante um tempo infundo para o telefone que piscava, e só quando os colegas começaram a olhar para mim conjurei forças para pegar no auscultador. Como analista de pesquisa do sector dos serviços, uma das minhas obrigações fundamentais era informar o Gary de como as acções que ele transaccionava

iriam responder ao fluxo das notícias, pelo que não se punha a hipótese de ficar ali parado como um bacalhau seco.

Com uma falsa confiança que me impressionou a mim mesmo, disse ao Gary, sem deixar margem para dúvidas: — Isto é um incidente que vale uns quatro ou cinco pence. Trata-se de uma unidade geradora de quatrocentos e trinta *megawatts* que vai ficar fora de acção durante cerca de cinco meses. Actualmente estava a produzir cerca de um milhão de dólares por dia, portanto, se aplicarmos a isso um coeficiente de, digamos, trinta e cinco por cento, então a ScottishPower vai ficar a arder com cerca de cento e três milhões de dólares, ou seja, cerca de sessenta e sete milhões de libras, partindo de uma taxa de câmbio constante de um ponto quatro, ou cinco. Se dividirmos esse valor por 1830 milhões de acções, verificamos que equivale a quatro pence por acção.

O Gary engoliu nitidamente aquilo e, colocando o auscultador no descanso, deixei escapar um enorme suspiro de alívio, dando a mim próprio uma palmadinha metafórica nas costas.

Quando pensava que as coisas estavam a começar a acalmar, tocou o telefone de novo e desta vez vi o nome de James Smythe a piscar para mim. Esse palhaço rico estava encarregado de organizar as reuniões das 7h20m da manhã em que os analistas davam aos *salesmen* e aos *traders* informações sobre os últimos acontecimentos com incidência nas cotações do seu sector, ou então sobre as notas de investigação que tinham escrito recentemente.

— Steve, é melhor desceres imediatamente e vires ao microfone dar-nos uma conversa de dois minutos sobre este incidente da ScottishPower. — O tom viscoso e pedante da voz dele irritava-me como o caralho. Sabia que não podia discutir, e imediatamente me levantei e me dirigi para o elevador — e a cocaína que tinha no corpo e na alma dava-me um ar nervoso e stressado.

Não há muitas coisas comparáveis com o bulício de um grande banco de investimento numa manhã de segunda-feira, pouco antes da abertura do mercado. Num *open-space* enorme do tamanho de um campo de futebol, durante essa ansiosa meia hora, centenas de *salesmen*, *traders* e *market makers* e *sales traders* estão sentados diante de seis ecrãs cada um, desertos por ver ou ouvir algo que lhes possa dar uma vantagem competitiva sobre milhares de outros concorrentes em bancos de todo o mundo. Alguns falam em tom frenético para dois telefones diferentes, enquanto outros gritam uns aos outros uma série de

números e termos incompreensíveis para quem não esteja por dentro desta profissão destruidora de almas. A poderosíssima pulsão de ganhar dinheiro impregna todas as acções e todas as instruções gritadas e só é igualada pelo medo de perder grandes quantidades de massa devido a uma decisão mal pensada. A tensão é ainda mais extrema, porque toda a gente ali à volta vê e ouve tudo o que cada um está a fazer. O «mercado» é um incontrolável cavalo selvagem às cabriolas e cada um de nós é apenas mais um cavaleiro a tentar segurar-se com quantas forças tem e fazer algum dinheiro enquanto está com a mão na massa.

Mal o analista que me precedia terminou de falar, corri em direcção à tribuna, branco como um lençol, com os olhos esbugalhados e a camisa encharcada, firmei-me e comecei a falar sobre o que tinha acontecido, num tom pausado, comedido, para as centenas de abelhas que me rodeavam. Enquanto fazia isso, de vez em quando, olhava para cima e via o meu rosto pálido e nervoso ampliado para três vezes o seu tamanho nos ecrãs suspensos do tecto a intervalos regulares ao longo da sala. Os *traders* e *salesmen* dos nossos escritórios em Frankfurt, Milão, Paris e Madrid estavam todos a ver o meu desempenho e os nossos colegas em Nova Iorque iriam assistir a uma gravação de minhas sábias palavras cinco horas depois.

Quando comecei a abordar a avaliação das implicações do acidente, notei, de repente, que o costureiro bulício da sala de corretagem amainara dramaticamente. Vi *traders* a acotovelarem-se e a apontar na minha direcção, e, passado um pouco, toda a gente nas secretárias à minha volta tinha parado de trabalhar e estava simplesmente a olhar para mim. Algumas secretárias taparam a boca num gesto quase teatral de choque, enquanto alguns dos gajos mais arrapazados desatavam à gargalhada. QUE MERDA ESTAVA A ACONTECER? Comecei a ter uma experiência quase extra-sensorial, pois com as drogas e o *stress* sentia-me literalmente num sonho — ou, para ser mais exacto, num filho da puta de um pesadelo.

Foi neste horrível estado surreal que devo ter olhado para o ecrã suspenso mesmo em frente a mim. E, nesse preciso momento, apercebi o espesso fio de sangue que corria da minha narina direita, ampliado três vezes, a ser difundido em directo para toda a Europa, e senti-o pingar no meu lábio inferior e para a camisa. Numa reacção espontânea, apertei as narinas com o polegar e o indicador e corri para a retrete, afastando o James Smythe do caminho com a mão livre e deixando a sala de corretagem em estado de choque, perplexa.